

Boletim

Nº 2.057 - Ano 45 - 6 de maio de 2019

MUITO ALÉM DA SALA DE AULA

As oito Formações Transversais (FT) ofertadas em áreas como acessibilidade, saberes tradicionais e divulgação científica possibilitam ao estudante da UFMG traçar um percurso inovador, individualizado e transdisciplinar.

Páginas 4, 5 e 6



A professora Terezinha da Costa Rocha
(à esquerda) e estudantes da Formação
Transversal em Acessibilidade e
Inclusão na Faculdade de Educação

JEITOS, REJEITOS e SUJEITOS

Vagner Luciano de Andrade*

O tradicional território ecológico, geológico e cultural do Quadrilátero Ferrífero (QF), reconhecido internacionalmente pelas riquezas em ouro, minério de ferro, manganês e água potável, demostrou a ineficiência da sociedade brasileira perante os mandos e desmandos do capital. Essencialmente movida pela exploração mineral desde os tempos pretéritos, Minas Gerais se vê numa encruzilhada: adotar projeto orientado por matrizes socioeconômicas mais viáveis ou fazer perpetuar os múltiplos jeitos insustentáveis de movimentar a economia.

O Vale da Morte criado pelo rompimento da barragem de rejeitos minerários, no Córrego do Feijão, ceifou inúmeras vidas, afetou comunidades rurais e ecossistemas naturais e enlutou inúmeras famílias. Era mais um dia comum de trabalho, horário de almoço, no qual o feijão era uma das muitas opções para restaurar as forças e energias. De repente, uma avalanche ganhou cobertura nacional e internacional nos canais de TV. A coletividade mineira assistiu atônita ao chocante e triste espetáculo da irresponsabilidade, da ineficiência e do descaso com a vida em suas múltiplas manifestações.

O episódio reacendeu a tragédia de 2015, em Bento Rodrigues, e provocou indagações que não cessarão enquanto não forem respondidas. Quantas outras barragens se romperão? Quantas vidas serão exterminadas? Até quando o descaso perdurará? Longe de respostas concretas ou soluções imediatas, o que se viu foi um estado de terror: outras barragens em Congonhas, Barão de Cocais, Itatiáiu e Macacos, entre outras, apresentam risco de rompimento. Sirenes tocam, e famílias são evacuadas dos lugares com os quais sempre mantiveram relações culturais. Tristeza, pânico e incerteza, laços rompidos, estremecidos. O local da família, do aconchego e da proteção virou paisagem de medo e morte. Até quando?

É preciso urgentemente legitimar que as paisagens serranas do QF, berço da sociedade mineira, não são recantos de lucro fácil para pequenos grupos empresariais. A vontade, a identidade e o direito de suas populações tradicionais devem prevalecer, como atestam os preceitos e prerrogativas da Constituição Federal. O Estado não pode se curvar à mineração, sob a desculpa de que a atividade é essencial à economia estadual. Há outras potencialidades e possibilidades que precisam ser evidenciadas. Brumadinho é um clamor. O grito de uma coletividade que, após superar a dor das tragédias minerárias, refaz novos cenários e aspirações. É preciso considerar os sujeitos socioculturais e sua diversidade, seus saberes e fazeres, seus jeitos de ser e estar no mundo. E não ignorá-los, como tem sido feito pelas mineradoras.

Não é de hoje que pesquisadores de diferentes instituições e formações defendem novas concepções para uso e ocupação do solo no QF. Novas modalidades de apropriação dos recursos naturais precisam ser discutidas e gestadas, como o Geoparque. Do passado de veios auríferos ao tempo presente das barragens de rejeitos, muitos são os sujeitos atingidos, direta e indiretamente. Com potencial para a agroecologia e o turismo, a região tem ampliado suas facetas minerárias para outras áreas do estado. Há expansões na direção de Congonhas, bem como linhas ideológicas e mercadológicas que, subindo o Espírito Santo, chegarão ao norte de Minas. Cenários únicos entre Grão Mogol e Rio Pardo estão ameaçados, bem como suas comunidades tradicionais. Na Serra da Tapera, em Piracema, a destruição aumenta, respaldada pelos preceitos legais de um licenciamento ambiental muitas vezes incompleto e permissivo.

Há um novo QF que precisa ser ampliado, o Quadrilátero Aquífero, como propõem os articuladores do Movimento Serra do Gandarela. Comunidades tradicionais e paisagens únicas devem se beneficiar do turismo e de outras formas sustentáveis de aquecer a economia. Elas formam mosaicos de riqueza cultural e biológica capazes de encantar o mundo e mostrar uma nova Minas Gerais. Assim, Brumadinho, espaço da triste constatação da inviabilidade mineral, é prioridade da economia local, jamais será esquecida.

Lembraremos de uma nova Brumadinho, que mostra ao mundo os belos jardins e as obras excepcionais de Inhotim. A Brumadinho da terceira povoação mais antiga fundada por Fernão Dias, das paisagens ecológicas e geológicas da Serra do Rola Moça e do Pico dos Três Irmãos, da comunidade quilombola do Sapé. Brumadinho das linhas férreas do Ramal Paraopeba, por onde passava o Trem Vera Cruz, rumo ao Rio de Janeiro. Brumadinho de um povo que conta a sua história. "Das Minas do Ouro às Minas Gerais. Mar de Lama nunca mais!" Brumadinho deve ser a capital simbólica de um novo estado, onde gente, natureza e água valham mais que os interesses capitalistas crueis e inescrupulosos. E Brumadinho se tornará a capital do Novo QF, onde as paisagens serranas serão legado de uma sociedade, de sua identidade, de sua historicidade. E pessoas do mundo inteiro visitarão esses recantos e encantos das Minas Gerais: Minas das águas, das cachoeiras, dos límpidos ribeiros e nascentes. Minas da ecologia, da sustentabilidade e, sobretudo, da responsabilidade compartilhada por todos.

*Agente de Educação e Mobilização Sociocultural da Rede Ação Ambiental

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, por meio de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 5.000 a 5.500 caracteres (com espaços) e indicar o nome completo do autor, telefone ou endereço eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou tréplicas ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

20 anos de ENCONTROS

Tradicional feira de artesanato do Vale do Jequitinhonha reúne 90 expositores no campus Pampulha nesta semana

A Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha ocupará, mais uma vez, a Praça de Serviços do campus Pampulha. De 6 a 11 de maio, o evento vai expor a riqueza cultural de Minas, promover artistas e ampliar as possibilidades de reconhecimento e comercialização de seus produtos. Cerca de 90 expositores, de 27 municípios, e 48 associações participam da feira, incluindo os povos indígenas Aranã e Cinta Vermelha, do município de Araúá, e o Quilombo Raiz, de Presidente Kubitschek.

Em 2019, a Feira completa duas décadas, fiel ao princípio de valorizar a troca de experiências entre artesãos, universidade e comunidade local. Para Maria das Dores Pimentel, coordenadora do Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha, "a Feira não é somente um espaço para venda, é um espaço de encontro. É fundamental que a comunidade universitária e a população de BH conheçam esses saberes ancestrais, tão importantes quanto os acadêmicos".

Organizada pela Diretoria de Ação Cultural da UFMG (DAC), pela Pró-reitoria de Extensão (Proex) e pelo Polo Jequitinhonha, a Feira, de acordo com Sérgio Diniz, produtor cultural da DAC e coordenador do evento, é resultado da articulação de diferentes órgãos da UFMG. "Contamos também com o apoio financeiro e logístico de diversas instituições, com base no entendimento de que o esforço conjunto é que constrói o êxito da feira", afirma Diniz. Um dos parceiros é o Governo de Minas Gerais, por meio da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Ensino Superior.

Além da exposição e da venda dos produtos artesanais, a Feira oferece intensa programação cultural gratuita, que inclui lançamento de livro, documentário, shows



Peças de artesanato em exposição em edição anterior da Feira

e produções teatrais. Na quarta-feira, dia 8, será realizada a audiência pública Artesanato mineiro: perspectiva, a partir das 9h30, no auditório da Reitoria. Iniciativa do deputado estadual Dr. Jean Freire (PT), a audiência contará com a participação de artesãos, representantes de organizações sociais e estudiosos de economia solidária.

Histórico

A ideia de promover um evento que pudesse os artesãos do Vale do Jequitinhonha em evidência na capital mineira surgiu em setembro de 2000, data da primeira edição da Feira. No ano seguinte, foi decidido que era mais viável realizá-la na semana que antecede o Dia das Mães, período mais favorável comercialmente.

Desde então, diversas ações para dar suporte e visibilidade ao trabalho dos artesãos foram realizadas pela UFMG. A homenagem aos mestres de ofício repetiu-se em nove edições do evento, lançando luz sobre o legado de artesãos com longas trajetórias de trabalho e de vida. Outra ação destacada foi a execução do diagnóstico do artesanato do Vale, em 2003.

Para promover o diálogo entre os saberes acadêmicos e populares e as novas técnicas, artesãos, professores e alunos da UFMG organizaram diversas oficinas – cerâmica, trançado em taboa, bordado e tecelagem.

A feira estará aberta das 9h às 17h, de segunda a quarta e na sexta-feira; na quinta, das 9h às 19h; no sábado, das 9h às 14h.

[Com Assessoria de Comunicação da Diretoria de Ação Cultural]

NOVO PARADIGMA

Formações Transversais propõem percursos que possibilitam ao estudante da UFMG ampliar seu escopo de atuação

Ana Rita Araújo

Abióloga Júlia de Matos Nogueira e a pedagoga Luana Resende Moreira, graduadas pela UFMG, trilharam percursos acadêmicos que lhes abriram novos horizontes em seus respectivos campos de atuação. Ambas cursaram Formações Transversais – Júlia, em Saberes Tradicionais, e Luana, em Acessibilidade e Inclusão – e hoje, em plena atividade profissional, lançam um olhar retrospectivo para dimensionar os benefícios proporcionados por suas opções. “Eu poderia falar horas sobre as Formações Transversais, porque foi uma das melhores escolhas que fiz na vida”, afirma Júlia, que trabalha como coordenadora do setor de guiaamento em empresa no Pantanal, em Mato Grosso do Sul. Além das duas formações, há outras seis estruturas do gênero em funcionamento e outras em processo de construção.

A reitora Sandra Regina Goulart Almeida explica que as Formações Transversais quebram regramentos específicos das carreiras e oferecem opções mais flexíveis, ao tratar, já na graduação, de assuntos na fronteira do conhecimento e no estado da arte contemporâneo. “Os cursos são optativos e têm abordagem transdisciplinar, que vai além daquilo que o aluno está habituado a ver em sala de aula. A intenção é ampliar os horizontes, preparando-o para um campo mais amplo de atuação. É também uma forma de garantirmos uma formação cidadã”, diz a reitora.

As Formações Transversais são parte de política institucional cujo objetivo é oferecer uma formação ampla e de excelência, não só do ponto de vista técnico, mas que

também busca despertar nos alunos a atenção para grandes temas do país e da humanidade, diz a pró-reitora de Graduação, Benigna de Oliveira. “É muito difícil tratar essas questões do ponto de vista disciplinar. Assim, cada Formação Transversal reúne conjunto de atividades acadêmicas curriculares que compõem um minicurículo, que envolve temas e docentes de várias áreas do conhecimento”, explica.

O professor Bruno Teixeira, pró-reitor adjunto de Graduação, esclarece que o objetivo é desenhar estruturas curriculares que permitam ao estudante desenvolver trajetórias individualizadas. “Isso assegura a formação técnica de acordo com as diretrizes curriculares de cada área do conhecimento ao mesmo tempo que explora a interface das áreas e oferece ao aluno a possibilidade de seguir interesses próprios, em uma formação que o torna capaz de se destacar profissionalmente por reunir competências, atitudes e habilidades que o distinguem dos demais”, resume.

Foi exatamente esse diferencial em seu currículo que ajudou Júlia Nogueira a conquistar a vaga na empresa em que hoje atua. “A FT foi fundamental em todos os lugares em que já trabalhei, em especial para a atividade que desempenho hoje, que exigia formação em ciências biológicas e contato com comunidades tradicionais (indígenas e o povo pantaneiro). Essa capacidade de entender o modo de vida de comunidades tradicionais e saber lidar com a cultura local foi um atrativo no meu currículo”, reitera.

Do ponto de vista pessoal, a bióloga destaca que as matérias cursadas a levaram a descobrir



Arquivo pessoal

Júlia: capacidade de compreender as comunidades tradicionais

“diversas formas de espiritualidade, de crenças, de medicinas tradicionais e diferentes formas de viver”.

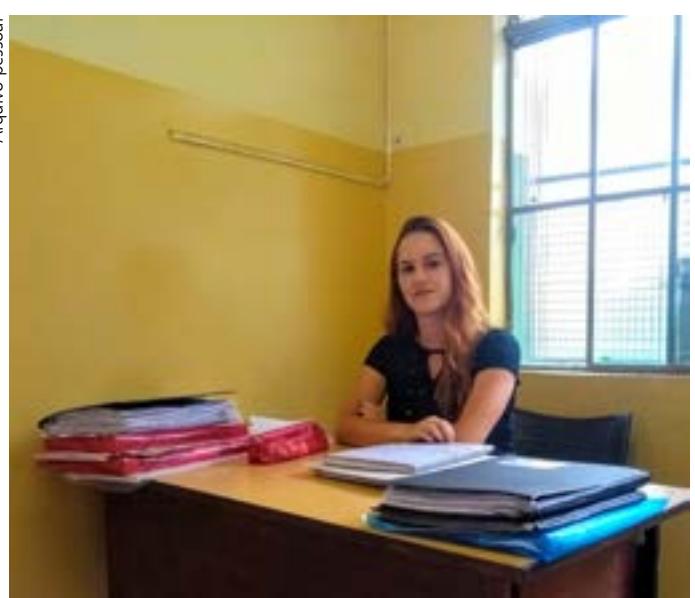
Luana Resende Moreira, coordenadora pedagógica em uma escola da rede estadual de ensino, em Ibirité, afirma que a formação em Acessibilidade e Inclusão agregou o aprendizado de atitudes e conceitos que hoje consegue aplicar, com embasamento teórico e metodológico, em sua prática educativa.

“Esse curso muda a nossa concepção como profissionais, ajudando-nos a compreender que a escola é um direito da criança e do adolescente com deficiência, que é preciso lutar para que esse direito seja efetivado todos os dias. E muda também a nossa concepção como pessoa, ao vermos que é possível identificar e transformar cada espaço social, para que todos consigam acessar conhecimento, locais de estudo, esporte, lazer e cultura no cotidiano”, analisa.

Experiência inovadora

Instituídas em 2014, as Formações Transversais são opções inovadoras ou incomuns de percurso acadêmico. Elas cumprem o papel de pôr à disposição dos estudantes da UFMG um elenco de atividades que atendam a necessidades e possibilidades emergentes da sociedade e do conhecimento.

Cada um dos diferentes percursos oferecidos sob essa denominação tem um conjunto de atividades que possibilitam traçar percursos formativos não convencionais, bem diferentes do formato tradicional de oferta do conhecimento que vigora desde a última metade do século 20 e caracteriza a grande maioria dos atuais currículos no país.



Luana: educação como direito da pessoa com deficiência



Estudantes da FT em Acessibilidade e Inclusão: diversidade e novas possibilidades

Perfis inéditos

O estudante que conclui uma Formação Transversal recebe certificado específico, emitido pela Pró-reitoria de Graduação. Aberta a estudantes de todos os cursos da UFMG, pode ser utilizada para integralizar a carga horária do núcleo complementar prevista nos cursos de graduação, a critério dos respectivos colegiados. As disciplinas de uma Formação Transversal também podem ser cursadas de forma avulsa, para a integralização de créditos do núcleo geral (Formação Livre).

“Acreditamos que as Formações Transversais estão definindo perfis inéditos no Brasil e esperamos que essa diversidade gere novas possibilidades para os estudantes”, diz o professor Ricardo Takahashi, que conduziu na Universidade o processo de proposição de mudanças na estrutura dos currículos de graduação (no período de 2014 a 2017), incluindo a criação das Formações Transversais.

O contato com conteúdos que não são da sua matriz curricular e com estudantes de outras áreas enriquece a formação e a trajetória dos futuros profissionais, que são cada vez mais demandados a trabalhar em equipes multidisciplinares, observa Benigna de Oliveira. “As Formações Transversais podem contribuir nesse caminho”, enfatiza.

Castelfranchi destaca que, no modelo adotado pela UFMG, estudantes de todas as áreas estudam, juntos, temas que extrapolam suas próprias áreas “e que dão a eles uma ferramenta a mais, poderosa, para seu futuro, pois os ajuda a conectar a sua profissão com questões mais amplas”, pondera.

Se o modelo de Formações Transversais é pioneiro no país, a formação em Divulgação Científica, que começou a ser oferecida no início de 2016, é também iniciativa única no Brasil, assegura Castelfranchi, que é professor do Departamento de Sociologia, coordenador do Observatório Interdisciplinar Inovação, Cidadania e Tecnociência e membro do comitê gestor do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) para Comunicação Pública da C&T.

Na opinião de Yurij Castelfranchi, pode ser grande para a sociedade o impacto de cursos como o de Divulgação Científica. “Temos a chance de criar uma nova geração de divulgadores, de pessoas com sensibilidade para entender a importância de democratizar o conhecimento e com as ferramentas para fazer que a ciência chegue a vários tipos de público”, avalia.

Para a professora Terezinha Cristina da Costa Rocha, coordenadora da formação em Acessibilidade e Inclusão, toda a

comunidade acadêmica tem repensado a recepção e a interação com os colegas com deficiência, “ressignificando as interações nos espaços da Universidade”. Em sua opinião, o grande número de matrículas e a clara aceitação do projeto indicam preocupação e interesse no “outro” como uma pessoa que tem direitos. “Esse foi o nosso objetivo ao elaborar o projeto: pensar uma sociedade democrática, equalizadora de oportunidades, pois é mais do que justo acolhermos as pessoas nas suas diferenças.”

Heterogeneidade

As mudanças provocadas pelas Formações Transversais também levaram os docentes a “repensar sua atuação”, afirma Terezinha Rocha. Esse processo, na avaliação de Yurij Castelfranchi, é “muito valioso”, pois, no cotidiano, a maioria dos professores trabalha com turmas homogêneas. “Dou aula de fundamentos de sociologia, para grupos praticamente inteiros de fisioterapeutas, engenheiros ou psicólogos, por exemplo. A Formação Transversal nos oferece um desafio belíssimo, pois passei a ter, na mesma sala, pessoas acostumadas a falar de coisas muito diferentes, o que me leva a adaptar meu curso para novas formas e discussões”, relata.

A heterogeneidade é, de fato, uma marca das Formações Transversais, como lembra Benigna de Oliveira, pois reúnem professores de diversos campos e unidades acadêmicas – em alguns casos, mais de dez. “É uma característica importante. Para nós, docentes, também é mais uma oportunidade de interação entre campos do conhecimento, agora na área do ensino de graduação”, avalia. A formação em Acessibilidade e Inclusão, por exemplo, que, no seu ano inicial, teve mais de 500 matrículas, congrega 33 docentes, de 11 diferentes unidades acadêmicas.

RESPOSTA INSTITUCIONAL

Modelo de FT aprofunda flexibilização curricular e dimensão transdisciplinar na Universidade

Ana Rita Araújo

A transdisciplinaridade é um aspecto constitutivo da identidade acadêmica da UFMG e anseio da sua comunidade, que, ao longo das últimas décadas, tem procurado materializar, de diferentes formas, esse conceito que lhe é caro, afirma o professor Ricardo Takahashi. Ele acompanhou de perto a criação das Formações Transversais, por definição transdisciplinares e oficializadas pela Resolução 19/2014, de 7 de outubro de 2014.

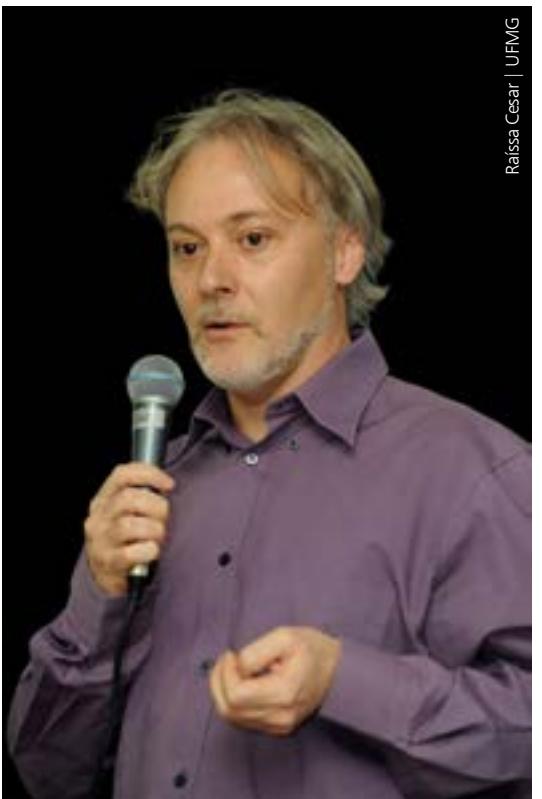
"As Formações Transversais necessariamente envolvem contribuições de mais de uma unidade acadêmica, relacionadas a temas que não se restringem a assunto específico. Ao formular a resolução, invocamos essa vontade que a comunidade da UFMG tem de contemplar a inter e a transdisciplinaridade", comenta o professor, que foi pró-reitor de Graduação e atualmente é assessor especial da reitora.

De acordo com a reitora Sandra Regina Goulart Almeida, as Formações Transversais são construídas de maneira flexível, para atender demandas específicas de cada momento. Segundo ela, a instituição induz a criação de algumas dessas formações, como foi o caso da abordagem em Relações Étnico-raciais, para atender à legislação específica, enquanto outras surgem do interesse de um grupo de professores.

Ricardo Takahashi pondera que o modelo das FT foi o caminho encontrado para responder a essa demanda institucional, uma vez que o currículo é "uma das estruturas mais difíceis para se introduzir a transdisciplinaridade, exatamente por ser constituído de disciplinas". Para ele, a adoção desse instrumento fez avançar a flexibilização curricular, iniciada no fim da década de 1990, e a oferta da formação complementar, criada em 2001.

"A flexibilização curricular foi um movimento importantíssimo da UFMG, que teve repercussão nacional, mas que, em alguma medida, ficou incompleto nos anos 90, quando os currículos de graduação eram formados por uma sequência de disciplinas com as categorias de 'obrigatória' e 'optativa'. Não havia no país previsão normativa para nenhuma atividade além das disciplinas", relembra Takahashi.

Segundo ele, imediatamente depois da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), em 1996, a UFMG criou uma comissão para estudar o assunto e foi pioneira no Brasil ao editar resolução que previa diversas possibilidades de atividades acadêmicas. "Hoje, as diretrizes curriculares nacionais da maior parte dos cursos exigem esse tipo de iniciativa", comenta. Em 2001, a UFMG definiu que os currículos deveriam prever a chamada "formação complementar" – percurso que completasse um ciclo de formação além das atividades de cada curso.



Yurij Castelfranchi: ferramenta poderosa

Novas estruturas

Quase cinco anos após a aprovação da Resolução do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe) que criou as Formações Transversais, o balanço é extremamente positivo, avalia o pró-reitor adjunto de Graduação, Bruno Teixeira. Ele ressalta que o modelo vem estimulando outros grupos de professores, que têm articulado temas e expertises, para a criação de novas estruturas formativas. É o caso, por exemplo, da Formação Transversal em Estudos Internacionais, em tramitação. Com a sua implementação, a UFMG passará a contar com nove Formações Transversais.

Para dar suporte a essas atividades formativas, a Universidade instituiu infraestrutura que inclui comissão coordenadora para gerir

cada Formação Transversal, comitê gestor do conjunto de formações e a Secretaria das Formações Transversais. Criada em outubro de 2018, essa instância é responsável por gerir o processo de oferta e matrícula de atividades para estudantes da UFMG e emitir os certificados para os concluintes.

Além de centralizar os requerimentos de matrículas de pós-graduandos, a secretaria, que funciona no prédio do Centro de Atividades Didáticas de Ciências Exatas (CAD 3), é o ponto de referência também para a comunidade externa, que, caso haja vagas disponíveis, pode cursar os estudos por meio da modalidade de matrícula em disciplina isolada.

Desafio: ir até o fim

Para o professor Yurij Castelfranchi, que coordena a estrutura formativa em Divulgação Científica, é importante estimular os estudantes a totalizar as 360 horas-aula de cada formação. Embora nos questionários de avaliação eles atestem o sucesso dessa estrutura formativa, ao comentar que ela "abriu seus horizontes", muitos cursam apenas algumas disciplinas.

Castelfranchi vê a situação como um desafio e cita que uma das opções em estudo – no caso da Divulgação Científica – é somar a Formação Transversal a uma especialização na área, criada com apoio do Instituto Serrapilheira. A ideia, portanto, é dar ao estudante possibilidade de acrescentar às atividades da FT outras que seriam ministradas por profissionais externos – do mercado, da mídia, do mundo da educação e da área de museus.

Mais informações sobre as oito Formações Transversais oferecidas atualmente podem ser obtidas em catálogo on-line: <https://www2.ufmg.br/prograd/prograd/Pro-Reitoria-de-Graduacao/Estudante/Formacao-Transversal>. O contato com a secretaria pode ser feito pelos telefones (31) 3409-6433 e 3409-6590 e pelo e-mail transversal@prograd.ufmg.br.

Acontece

UFMG EDUCATIVA

Com o objetivo de desenvolver novos produtos e formatos diante dos desafios da produção de notícias, o jornalismo da Rádio UFMG Educativa está passando por reformulação. Desde 1º de maio, o Jornal UFMG, informativo diário de 30 minutos, não vai ao ar. Nesta parada, serão desenvolvidos novos programas, mantendo-se os compromissos fundamentais associados à qualidade da informação e à formação de novas gerações de jornalistas.

A reformulação é fruto de discussões que vêm sendo feitas no Centro de Comunicação (Cedecom) da UFMG. Desde 2017, as mudanças têm sido debatidas com a comunidade, por meio do Colóquio Universidade e Comunicação Pública, que teve duas edições: a primeira dedicada às mídias sonoras e a segunda, à produção textual jornalística no ambiente institucional. Entre as novidades implantadas nos últimos anos, destacam-se também a estreia do novo Portal Web da UFMG e a reestruturação da TV UFMG, núcleo hoje responsável por produções audiovisuais em múltiplas plataformas. A Rádio UFMG Educativa pode ser ouvida em 104,5 FM ou em <https://ufmg.br>.

Erramos

UMA HISTÓRIA DO CAMPUS

A foto de capa da edição 2.056 do BOLETIM é de Bianca de Sá/Papelícula e não de Foca Lisboa/UFMG, como foi creditado na versão impressa.

TUCANUÇU

Na matéria *Na rota do tucanuçu*, também da edição 2.056, quando se faz menção ao roteiro de conectividade ecológica na cidade, deve-se ler que "os autores recorreram a dados secundários obtidos em levantamentos nos quais houve rastreamento por GPS do voo do tucanuçu".

Na fala de Marise Horta sobre a APA Capitão Eduardo, leia-se que ela "foi criada em 2001 e, em 2015, foi alvo de um projeto de lei que visava transformar o local em um empreendimento habitacional do Governo Federal. Hoje, a Mata do Planalto se encontra em situação semelhante, com possibilidades de ser transformada em condomínio residencial com vários prédios".

As correções foram feitas na versão on-line da matéria, disponível em <https://bit.ly/2UTnld>.

MUSEU DA MATEMÁTICA



Instalação no Museu da Matemática: espaço de formação

O Departamento de Matemática do ICEx apresentou oficialmente à comunidade, no fim de abril, o Museu da Matemática. O objetivo é levar o visitante a descobrir, por meio de brincadeiras, que a matemática está por trás das estratégias e do raciocínio lógico de jogos de tabuleiro, quebra-cabeças, enigmas aritméticos e outros materiais lúdicos.

O Museu reúne peças concretas e uma amostra da Exposição Matemática e Arte, da Sociedade Portuguesa de Matemática, que reúne elementos da Matemática Recreativa, retratada por Escher. O acervo diversificado – de jogos de tabuleiro a dobraduras de papel e sólidos perfeitos – já recebeu, no Festival da Matemática do ano passado, a visita de 3.200 alunos da educação básica.

O Museu é também espaço de formação dos estudantes de licenciatura em Matemática da UFMG. As visitas (aos sábados e em períodos não letivos) devem ser agendadas no Facebook: <https://bit.ly/2PJLSdN>.

EXPERIÊNCIAS COM O LIVRO

O Centro de Memória abriga, até 30 de maio, a exposição *A construção do livro [de artista]*, dedicada a revelar possibilidades de experimentação com o livro tradicional. As obras expostas são da Coleção Livro de Artista, da Escola de Belas Artes, e a organização foi baseada na obra *A construção do livro*, de Emanoel Araújo.

A exposição apresenta, de forma literal ou metafórica, as etapas da produção de um livro, desde a preparação de originais até o acabamento e a impressão. Mais de 20 escritores são contemplados, entre os quais estão Robert Filliou, Stéphane Mercier e Kenneth Goldsmith. Os temas incluem tradução, intertextualidade, transposição tipográfica, projeto gráfico e paratextos, como apêndices, ilustrações e notas. Iniciativa do projeto Gabinete do Livro, a mostra tem curadoria da professora Ana Utsch, da Escola de Belas Artes, e do designer Flávio Vignoli. O acesso é gratuito e aberto ao público.

ESTRALADABÃO

A Editora UFMG publicou o primeiro edital para seleção de obras originais do selo *Estraladabão*, que reúne livros de divulgação científica para o público infantojuvenil. O documento abre chamada para obras de temáticas diversas, tanto em proposições abertas quanto para a coleção *Uma pergunta, várias respostas*, que oferece olhares de especialistas de diferentes áreas do conhecimento.

Para candidatar-se à coleção, o autor ou organizador do livro deve apresentar um tema comum e textos de especialistas de áreas diferentes para falar sobre o assunto. No caso de obra avulsa, a proposta pode ser de ficção ou não ficção, desde que tenha a divulgação científica como objetivo. As inscrições seguem até 2 de setembro e podem ser feitas pessoalmente ou por correspondência. O edital está disponível no site da Editora UFMG (<https://bit.ly/2LkdLdZ>).

MIGRAÇÕES

Interpretações que permeiam a temática das migrações, incluindo aspectos naturais e artísticos, além do compartilhamento de visões de mundo e saberes que se desdobram na discussão sobre o respeito às diferenças, estão presentes na edição 25 da Revista UFMG, disponível em www.ufmg.br/revistaufmg/volumes/25.

O volume é composto de 11 artigos assinados por especialistas de múltiplas áreas, da UFMG, de outras instituições brasileiras e do exterior. Há abordagens nos campos da geologia, literatura, legislação e estatística, entre outros. A Revista UFMG, publicação semestral, aborda sempre um grande tema, em perspectiva interdisciplinar, e também divulga resultados de pesquisas e de produções teóricas e artísticas.

Dança em **TEXTOS** e **DESENHOS**

Tese da Belas Artes resgata proposta artístico-pedagógica de Marilene Martins, a Nena, que tem influenciado gerações de dançarinos

Teresa Sanches

Depois de estudar com Carlos Leite e Klauss Vianna, em Belo Horizonte, e frequentar a primeira faculdade de dança, na Universidade Federal da Bahia, na década de 1960, a mineira Marilene Martins, a Nena, experimentou vários estilos, ziguezagueando pelo Rio de Janeiro, pela Europa e pelos Estados Unidos até retornar à capital mineira. Em 1969, optou pela dança moderna e abriu a primeira escola na cidade, o Trans-Forma Centro de Dança Contemporânea. O inovador, naqueles anos de chumbo, foi fundamentar-se nas diferenças para construir uma proposta artístico-pedagógica que continua influenciando gerações de dançarinos.

O resgate documental dessa proposta, expressa em desenhos e textos anotados em cadernos de Nena e de artistas-professores de sua escola, foi realizado em pesquisa inédita da dançarina e professora da Escola de Belas Artes Gabriela Córdova Christófaro, que defendeu tese na própria EBA sob orientação de Mariana de Lima Muniz. A análise crítico-interpretativa de 21 cadernos e manuscritos, cedidos por Lúcia Ferreira e outros artistas que acompanharam Marilene Martins, revela estrutura organizada em desenhos do corpo humano e a escrita do movimento, com detalhamento da contagem de tempo, do deslocamento no espaço e abordagens de rítmica e improvisação.

"São cadernos guardados há 30 anos, que nem a própria Nena conhecia no conjunto. Um material que precisa ser estudado, pelo modo como foi construído, porque na dança é muito forte a cultura oral, que se perde facilmente. Mas Nena fez esses registros com muita minúcia. Os desenhos do corpo humano ressaltam o sistema esquelético, as articulações, a mobilidade da coluna. E, no texto, ela usa a terminologia da anatomia, que também foi estudada na escola, em livros técnicos da área e em curso oferecido pelo professor da UFMG José Geraldo Dângelo", relata.

Construção coletiva

A pesquisadora afirma que também é possível perceber, nas anotações, a construção coletiva do trabalho, baseada em propostas originais de Nena, e as sequências criadas pelos artistas formados em sua escola. "Como ela estava sintonizada com o pensamento da dança cênica da década de 1970, com foco na abertura a diferentes corporalidades, a prática da educação somática (relacionada à consciência corporal) foi fundamental para a construção do currículo do Curso Básico de Dança do Trans-Forma, que tinha a duração de cinco anos", relata Gabriela.

Essa característica de Nena fez toda a diferença para gerações de artistas que continuam fazendo de Belo Horizonte referência no cenário da dança, na avaliação de Gabriela Christófaro. "Nena construiu um ambiente para a experimentação das diferenças. Ela convidava artistas de várias áreas para participarem do cotidiano do Trans-Forma e até de sua própria casa. É uma empreendedora, inserida nas discussões sociais e políticas da cidade", resume.

Ainda de acordo com Gabriela, a experimentação foi procedimento metodológico importante, porque a proposta da escola não era a busca de um corpo ideal, mas do entendimento do próprio corpo na perspectiva de uma prática artística. "Assim, o bailarino aceitaria o outro como legítimo. E, no diálogo com o diferente, descobriria a própria perspectiva corporal e artística", diz a pesquisadora. "Aceitar o outro como legítimo é uma forma de preservar a sobrevivência da diferença, aspecto forte no pensamento da Nena."

No curso básico, que reunia turmas diversificadas, inclusive em relação à idade, os alunos eram convidados a se deslocarem



Nena em ação: experimentação das diferenças

Acervo da pesquisa | Fotógrafo não identificado

por ambientes técnicos diversos. Gabriela Christófaro observou que as diferenças se estabeleciam como estímulo à continuidade da construção artístico-pedagógica. "Por isso, vejo a Marilene Martins como uma pessoa à frente de seu tempo. E sua proposta deve nos inspirar, especialmente, diante da diversidade que a Universidade propicia. Há um exercício da convivência na alteridade a ser feito na prática artística e docente, sobretudo com a inserção da dança na educação básica."

Tese: Convivência e alteridade no processo de conhecimento em dança: a abordagem de Marilene Martins no Trans-Forma Centro de Dança Contemporânea

Autora: Gabriela Córdova Christófaro

Orientadora: Mariana de Lima Muniz

Defesa: dezembro de 2018, no Programa de Pós-graduação em Artes

EXPEDIENTE
Reitora: Sandra Regina Goulart Almeida – Vice-reitor: Alessandro Fernandes Moreira – Diretora de Divulgação e Comunicação Social: Maria Céres Pimenta Spínola Castro – Editor: Flávio de Almeida (Reg. Prof. 5.076/MG) – Projeto Gráfico: Marcelo Lustosa – Diagramação: Guilherme Martins – Revisão: Cecília de Lima e Josiane Pádua – Impressão: Imprensa Universitária – Tiragem: 4,6 mil exemplares – Circulação semanal – Endereço: Diretoria de Divulgação e Comunicação Social, campus Pampulha, Av. Antônio Carlos, 6.627, CEP 31270-901, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil – Telefone: (31) 3409-4184 – Internet: <http://www.ufmg.br> e boletim@cedecom.ufmg.br. É permitida a reprodução de textos, desde que seja citada a fonte.